



Universidades Lusíada

Pires, Nuno Correia Barrento de Lemos

1809 : a guerra em Portugal e os portugueses na Galiza

<http://hdl.handle.net/11067/5536>

Metadados

Data de Publicação	2009
Resumo	<p>Uma Guerra Global. A caminho da invasão de Sout. Os planos de defesa de Portugal e a acção preparada na Galiza. Uma nação em armas. A reconquista de Vigo e o cerco de Tuy. A defesa portuguesa por mais de 3 meses e a acção complementar das forças inglesas. O esforço conjugado de galegos e portugueses....</p> <p>A Global War. Preparing French Sout's invasion. The Portuguese defense plans and the prepared actions in Galicia. A nation in arms. The reconquest of Vigo and the siege of Tuy. The three month long Portuguese defense and the complementary action of the British troops. Galician's and Portuguese joint effort....</p>
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FCHS] LH, s. 2, n. 05-6 (2009)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-11-14T19:21:05Z com informação proveniente do Repositório



1809: A GUERRA EM PORTUGAL E OS PORTUGUESE NA GALIZA

Nuno Correia Barrento de Lemos Pinto

Tenente-Coronel do Exército
n_lemos_pires@hotmail.com





Resumo

Uma Guerra Global. A caminho da invasão de Sout. Os planos de defesa de Portugal e a acção preparada na Galiza. Uma nação em armas. A reconquista de Vigo e o cerco de Tuy. A defesa portuguesa por mais de 3 meses e a acção complementar das forças inglesas. O esforço conjugado de galegos e portugueses.

Palavras Chave

Planeamento / Galiza / Baptista / Tâmega / Resistência

Abstract

A Global War. Preparing French Sout's invasion. The Portuguese defense plans and the prepared actions in Galicia. A nation in arms. The reconquest of Vigo and the siege of Tuy. The three month long Portuguese defense and the complementary action of the British troops. Galician's and Portuguese joint effort.

Key Words

Planning / Galicia / Baptista / Tâmega / Resistance



“El centro de Hijos de Vigo dedica esta lápida a la gloriosa memoria del bizarro teniente portugués Juan Bautista Almeida de Sousa e Sá, héroe de la Reconquista de esta plaza em 28 de Marzo de 1809”¹

1. A II Guerra Global Portuguesa:

Ao longo da sua longa história Portugal teve de enfrentar variadíssimos tipos de guerras, inclusive muitas que puseram em causa a própria sobrevivência como nação. Em alguns casos, estas desenvolveram-se apenas em uma parte do seu território e em outros, em mais do que um teatro de operações simultaneamente. Foi assim a significativa “Guerra Global Portuguesa”, de 1640 a 1668, conhecida mais comumente como Campanhas da Restauração (ou da Aclamação) em que Portugal combateu ao longo de 28 anos, na Europa, no Brasil, em África e na Ásia num esforço hercúleo, e que garantiu a nossa sobrevivência como nação.

Será também nesta “II Guerra Global Portuguesa”², que ao longo dos anos tem conhecido várias designações, demasiado redutoras (pensamos nós), nomeadamente Invasões Francesas ou Guerras Peninsulares e que na prática levou 25 anos, de 1793 a 1817, obrigando a um monumental esforço português, em terra e no mar, no Brasil, em África, no Mediterrâneo, na Índia, em Espanha, França, Prússia, ou Áustria, até às estepes geladas da Rússia. Como em outros grandes momentos da nossa história, muito sofremos, muitos morreram, muito perdemos mas, ainda assim, vencemos.

Poucos dias após a entrada pacífica de franceses e espanhóis em Portugal, em Dezembro de 1807, a população de Lisboa revolta-se contra o hastear da bandeira francesa no Castelo de S. Jorge. No princípio de 1808 continuam os indícios da revolta nas Caldas da Rainha, Mafra, Évora, etc., e Napoleão ordena a Junot que desarme rapidamente o País e expulse do território nacional o exército de Portugal. A partir do Rio de Janeiro, em 01 de Maio de 1808, confirmadas que

¹ Inaugurada esta placa no centro de Vigo, na Plazuela de Almeida, em 28 de Março de 1933, durante a semana hispano-portuguesa.

² Optámos por criar esta designação para ser mais abrangente e evitar assim as visões minimalistas sobre uma Guerra que foi muito mais que as Invasões em Portugal continental ou mesmo uma campanha na Península.

estavam as verdadeiras intenções dos *aliados franco-espanhóis*, o futuro D. João VI declara guerra à França. Felizmente, a Espanha muda de posição em 02 de Maio e, ao revoltar-se, abandona o nosso território. Estavam assim criadas as condições para a retoma do nosso País.

Bragança, Vila Real, Chaves, Miranda, Torre de Moncorvo, Ruivães, Porto, Braga, Trancoso, Viana do Castelo, todo o norte se levantou contra o invasor. Em Junho, na primeira grande vitória na Península Ibérica contra os franceses, os portugueses “armados com o que podiam”, às ordens do Coronel Silveira (futuro conde de Amarante) derrotam “o maneta” Loison nas alturas de Teixeira e Régua - a Batalha de Teixeira (ou dos *Padrões de Teixeira e Régua*).

Depois do Norte seguiu-se o Algarve e a revolta espalhou-se por todo o território nacional: Coimbra, Leiria, Nazaré, Mafra, Sines, Setúbal, etc. Ciente de que não podia lutar contra todo o país, Junot mandou concentrar as suas forças ao redor de Lisboa. Milhares de portugueses morreram na defesa do impossível mas a verdade é que no início de Agosto, os franceses apenas controlavam Lisboa, parte do centro do país e o eixo Lisboa-Alentejo. Os britânicos podiam então desembarcar, tranquilamente e com toda segurança, o seu exército bem armado, equipado, treinado e devidamente comandado.

*“Já antes de Wellington (ainda Wellesley) pôr o pé em terra a revolta libertara nove décimos do país”.*³

Aos milhares de portugueses que tinham morrido no decorrer da lutas pela libertação de Portugal juntam-se agora na Roliça e Vimeiro, centenas de ingleses. A Grã-Bretanha prova o valor do seu Exército, a organização da sua logística, a capacidade de fazer operações conjuntas com a sua Marinha e mostra ao mundo um grande general, o futuro duque de Wellington. A mais antiga Aliança do mundo tinha de novo triunfado. Mas o Portugal livre, é um Portugal devastado, pobre, sem forças armadas, a que falta quase tudo, excepto a vontade, o valor, e a humildade de reconhecer que precisávamos da ajuda britânica para nos batermos como iguais nas futuras campanhas.

2. 1809 – Na defesa do Norte

Depois da vergonhosa convenção de Sintra a 31 de Agosto de 1808, os franceses abandonaram Portugal no final de Setembro deixando para trás um país com milhares de mortos e muitos mais feridos. Um país sem marinha (estava no Brasil), sem exército (o pouco que tinha restado estava em França ao serviço de Napoleão Bonaparte), sem recursos, sem armas, uniformes ou munições e sem dinheiro.

³ Vasco Pulido Valente, *Ir Pró Maneta*, pág. 7

Tínhamos do nosso lado um povo unido, um soberano reinante (que reinava com segurança a partir do Rio de Janeiro no Brasil) e as antigas organizações seculares das milícias e ordenanças que, de norte a sul do país, permitiram recriar várias forças operacionais em pouquíssimo tempo. Mas precisávamos mais do que de boa vontade; precisávamos do apoio da nossa antiga aliada, a Grã-Bretanha, que beneficiando do facto de poder fazer a guerra fora do seu território, nos podia ajudar, em meios financeiros, em materiais ou de organização. Inclusivamente, pelo facto de a maior parte dos quadros portugueses estar fora de Portugal, “emprestarem-nos” quadros bem formados para dirigirem parte das forças em formação. Contudo, este esforço de reorganização levaria o seu tempo e a França prepara-se de novo para atacar Portugal. Tínhamos de nos defender com o pouquíssimo que havia⁴.

Dos aliados, tinham apenas ficado em Portugal alguns milhares de ingleses comandados por Sir John Cradock⁵ que resistiu sempre à ideia de ajudar as forças portuguesas a combater no norte de Portugal. Esta situação só se alteraria com o regresso de Wellesley a Portugal em 27 de Abril de 1809, já depois de milhares de portugueses e franceses terem vertido o seu sangue em inúmeros confrontos a norte do Rio Douro.

Para organizar a defesa do norte tínhamos uma hierarquia pouco definida e mal articulada que tinha à cabeça o Bispo do Porto e o General Bernardim Freire de Andrade mas que na verdade não conseguiam ter o controlo efectivo nem da população civil nem das forças militares. Em Lisboa tínhamos a coordenação de Miguel Pereira Forjaz e na capital do Império tínhamos todo o governo do reino com o príncipe regente à cabeça, futuro D. João VI, e que efectivamente comandava o território continental mas que a distância não permitia a decisão corrente.

Escolhemos um extracto de um documento que recolhemos no Arquivo Histórico Militar e que espelha bem a preocupação na defesa e a suas vulnerabilidades (AHM – DIV -1-14-006-14 – Ofícios do General Bernardim Freire de Andrade dirigidos ao Chefe da Brigada de Ordenanças encarregado da defesa dos desfiladeiros em Cabeceiras de Basto na entrada de Soult, José Monteiro Guedes Mourão): O General faz saber que *marcha para a Província do Minho por ordens do Bispo do Porto e requer todo o apoio das Milícias e ordenanças* datada do Porto em 7 de Dezembro de 1808. Remete as ordens a José Monteiro Guedes para *organizar as Ordenanças dos conselhos situados ao longo do Rio Tâmega*

⁴ Além disso sabíamos que os ingleses não se empenhariam na defesa de Portugal “(...) I can say generally that the frontier of Portugal is not defensible against a superior force(...) If the French succeed in Spain, it will be vain to attempt to resist them in Portugal(...) The British must in that event, I conceive, immediately take steps to evacuate from Portugal” carta de Sir John Moore para Lord Castlereagh, Salamanca, 25 de Novembro de 1808, in James Moore, Ob. Cit., pág. 266.

⁵ O grosso das forças inglesas tinha marchado com o General Moore na conhecida e fatídica campanha da Coruña (cerca de 30.000). Em Espanha havia na altura “*quatro exércitos espanhóis espalhados por diversos lugares e oito corpos de exército franceses, na força de 300.000 homens que ocupavam os melhores pontos Estratégicos*” Ferreira Lima, A reconquista de Vigo, Ob. Cit., pág. 3.

numa só Brigada debaixo do seu comando. Justifica esta nomeação por confiar nos seus elevados conhecimentos na “arte militar” (assinado em 9 de Dezembro de 1808). Ordena então Sua Alteza Real que se armem as Ordenanças, escolhendo entre elas, os Homens que podem prover-se de espingardas, piques e servirem a cavalo, que se proceda a rigorosas inspecções sobre estes armamentos – a missão é impedir a passagem junto ao Tâmega, na área sempre da margem direita do Rio Douro, dos Exércitos agrupados em Trás os Montes “impedir o passo” na Ponte de Chaves, ao longo do Tamega pela Serra do Marão e pelos Padrões da Teixeira. Para tal as ordenanças agrupadas nesta espécie de Brigada deverão edificar postos defensivos que entender por bem ordenar. Nestas instruções fica escrito que separadamente devem ser constituídos pequenos corpos de ordenanças pela reunião de pequenos concelhos limítrofes ficando à consideração de Vossa Mercê a nomeação de indivíduos hábeis que possam dirigir as ordenanças assim reunidas – para tal os chefes dos concelhos referidos guardarão subordinação pelo que no importante objecto da defesa não devem alterar-se jurisdições nem suscitaram-se etiquetas qualquer que seja a graduação dos comandantes que V. Mercê nomear, pois que sempre nelas se verificará a proeminência do conhecimento e da capacidade. Um alerta importante, como alguns deste concelhos estão na Área do Governo de Armas do Minho tem que ser prevenido o General daquela para que haja de autorizar a V. Mercê. Não é preciso lembrar a V. Mercê que o importante o primeiro objecto desta comissão é fazer uma revista às Ordenanças, não só para verificar se os Capitães Mores têm executado as ordens relativas ao armamento que lhes foi ordenado mas para conforme elas ter conhecimento das forças de cada distrito diversamente armadas a fim de combinar o melhor serviço, que poderá fazer segundo o local. Além de combinar um sistema de defesa regulado pelas instruções juntas e pelo conhecimento do País, que deve ter antecipadamente, V. Mercê poderá em cada um dos concelhos escolher aqueles homens que pela sua robustez e valor sejam capazes de construir um ou mais corpos de reserva que debaixo do seu comando, ou de sujeitos de inteligência conhecida hajam de fazer um esforço maior nos sítios e ocasiões de maior perigo. Do arsenal desta cidade mandarei remeter a V. Mercê a pólvora e cartuchame que me indicar por um orçamento feito em vista dos fusileiros, que houver, cujo número determinará na inspecção a que vai proceder podendo entretanto escolher depósitos mais próximos para a arrecadação destas munições, de modo que fiquem centrais, e ao alcance das Ordenanças segundo os pontos mais conhecidos de defesa. (Quartel General do Porto, 7 de Dezembro de 1808).

“Senhor José de Monteiro Guedes, Acabámos de receber notícias que nos põem em mais cuidado sobre os preparos dos Franceses, sendo de recear que poderão penetrar neste Reino ou segundo a direcção de Trás os Montes ou da Beira: neste caso apresso-me em fazer este aviso para o pôr de acordo, e tomar aquelas medidas, que deva esperar dos seus conhecimentos, das suas actividades e da sua honra” (Porto, 6 de Fevereiro de 1809).

Em síntese, são estas as forças organizadas para a defesa de Portugal no final de 1808⁶:

Comandante-Chefe dos Exércitos do Norte: General Bernardim Freire de Andrade (responsável pelo comando de Armas do Partido do Porto e o governo de armas da Província do Minho com 1400 tropas de linha, 8 bocas de fogo, 8 regimentos de linha e várias forças de ordenanças):

- Governo de Armas de Trás-os-montes (2.800 tropas de linha, 10.000 milícias e ... ordenanças) – Coronel Francisco da Silveira (Brigadeiro a partir de 15 de Fevereiro de 1809)
- Governo de Armas das Províncias das Beiras (1 divisão) – Brigadeiro Manuel Pinto Bacelar (promovido no início de 1809 a General)
- Governo das Armas de entre o Tejo e Mondego (com sede em Tomar) – General Miranda Henriques
- Governo das Armas do Alentejo – General Francisco de Paula Leite
- Governo do Algarve – General Conde de Castro Marim (a maior parte das forças seriam mobilizadas para serem empregues a norte)

A missão atribuída a Bernardim Freire de Andrade era clara e foi emitida num aviso da Regência a 24 de Janeiro de 1809: *“comando de todas as forças da província do Minho e do partido do Porto ... que pudesse empregar activamente ... para ocupar aquellas posições, que julgasse mais próprias para ocorrer à defesa da província do Minho, ou à entrada por Trás-os-Montes; tendo em vista sempre cobrir e defender a cidade do Porto...”*⁷

Para entendermos o dispositivo adoptado pelas forças portuguesas em 1809 temos de entender qual seria o previsível plano francês para invadir Portugal. Em resumo era esta a ideia de Napoleão (carta enviada pelo seu Chefe de Estado Maior, Marechal Berthier a Soult em 21 de Janeiro⁸):

- Marchar de Norte em direcção ao Porto com um Corpo de Exército composto por 17 regimentos de infantaria e 10 de Cavalaria apoiado pelo movimento do Marechal Victor de Leste para oeste com pressão na direcção de Lisboa; atingir o Porto não antes de 05 de Fevereiro e continuar a progressão para Lisboa para a atingir a 16 de Fevereiro;
- Depois de atingir o Porto a Divisão Infantaria de Lapisse e a Brigada Cavalaria de Maupetit avançarão pelas Beiras em direcção a Ciudad Rodrigo e Abrantes.

Como consequência, suspeitando de uma manobra nestes moldes⁹, a

⁶ In, AZEREDO, Carlos de, *INVASÃO DO NORTE 1809 – A Campanha do General Silveira contra o Marechal Soult*, Lisboa, Tribuna, 2004, pág. 10.

⁷ Ferreira Lima, Ob. Cit., pág. 4.

⁸ Baseado em Azeredo, Ob. Cit., pág. 13 e 14 e também em Soult, pág. 38 a 41.

⁹ Freire de Andrade tinha um bom serviço de informações a funcionar na Galiza, por ex como prova este extracto de um documento do AHM *“As críticas circunstâncias em que estão os povos da Galiza, aí*

regência portuguesa não podia arriscar concentrar todas as suas forças a norte do Douro pois os flancos este e sudeste tinham de ser protegidos, bem como a defesa de Lisboa. Assim, a defesa do norte foi feita quase exclusivamente pelas forças de Bernardim Freire de Andrade, Bacelar e Silveira.

Soult prepara uma força de 23.000 veteranos e avança para ocupar o Porto.

Portugal enquanto prepara a defesa do norte tem uma importante vitória no Brasil com a tomada da Guiana Francesa em mais uma operação apoiada pelas forças britânicas. As notícias do sucesso da ofensiva entusiasma as forças portuguesas¹⁰.

a. A progressão francesa¹¹:

Decorrente das instruções apresentadas, Soult deveria esperar que Ney rendesse as suas forças na Galiza para depois passar para Portugal – assim só abandona Santiago em 8 de Fevereiro de 1809. Chegou a Tuy a 10 e imediatamente estuda a passagem do rio Minho pela área de Valença¹². Entretanto, desde 30 de Janeiro que o comandante português, Bernardim Freire de Andrade, iniciara os preparativos para a defesa da fronteira do Minho, completando-se no mesmo dia 10 com a destruição/aprisionamento das embarcações que possibilitariam a passagem do rio pelos franceses.

Bernardim instala o seu Quartel General em Ganfei, perto de Valença, e observa a chegada dos reforços possíveis às praças de Caminha, Valença e Lovelhe (no total pouco mais de 1 Regimento e algumas bocas de fogo).

Soult manda passar o rio no dia 15 em direcção a Vila Nova de Cerveira mas uma resposta imediata da artilharia portuguesa impede a passagem das forças e estas retiram. Tenta de novo a 16 de Fevereiro junto a Caminha mas as fortes correntes, a inexperiência dos “navegadores” franceses, a forte e rápida resposta da artilharia e infantaria portuguesas faz com que apenas três dos 25 barcos que tinham iniciado a navegação chegassem a terras portuguesas e estes foram de imediato atacados e capturados (cerca de 40 militares franceses). Nesse mesmo dia uma derradeira tentativa, de novo sobre Vila Nova de Cerveira, é também destruída. Soult desiste de entrar pelo Minho e decide-se por um caminho muito

rígidos do tempo e a falta de saúde com que me acho, pelas constipações que tenho sofrido me fizeram retroceder das montanhas da Galiza, e dirigir a Tuy aonde tenho notícias que se dirigiram ao Exm^o General do Minho, julguei prudentemente participar a V. Ex^a as que pude saber em Tuy novamente” (Gonçalo de Barros Lima ao Gen Branardim Freire de Andrade, Tuy, 12 de Janeiro de 1809, AHM-DIV-1-14-072-01, ref 179)

¹⁰ Em Novembro de 1808 uma Armada Anglo-portuguesa bloqueia a Capital, Cayene; em Dezembro uma força terrestre portuguesa de 1.200 homens comandada pelo tenente-coronel Marques de Sousa conquista Oyapoc; parte dessa força embarca nos navios e com 80 Royal Marines conquistam a cidade de Cayene em 12 de Janeiro de 1809. Os Portugueses mantiveram-se no território até 1817.

¹¹ Azeredo, Ob. Cit., pág. 18 e seguintes, Soult, pág. 43 e seguintes.

¹² “A cavalaria ligeira de Franceschi foi encarregada de tomar **Vigo** na passagem, de conquistar Tui e de reunir todos os barcos que conseguisse encontrar” Soult, pág. 43.

mais longo – através da brecha de Chaves. Bernardim Freire de Andrade ganha o primeiro embate.

“Habitantes armados acorreram em bando para socorrerem as milícias portuguesas e impediram com um fogo cerrado qualquer outra tentativa (...) o insucesso anterior tinha-nos mostrado o tipo de resistência que os portugueses nos preparavam” (Soult, pág. 43)

A 17 de Fevereiro, Soult deixa em Tuy 900 doentes e uma guarnição de 2000 homens e parte em direcção a Orense. Este era o sinal pretendido para as forças portuguesas executarem o seu plano e, tomando a iniciativa, cruzarem o Minho e atacarem a retaguarda das forças francesas na própria Galiza. Missão das forças portuguesas: infiltrar militares e munições para levantar os povos galegos contra a retaguarda do II Corpo e manter um reconhecimento activo sobre os movimentos do mesmo. Como resultado desta operação tivemos a conquista do Forte Gião, La Guardia, Vigo e o cerco de Tuy por várias semanas, mas falaremos desta acção operacional mais adiante.

Entretanto, as duas colunas francesas que se dirigiam a Portugal eram constantemente atacadas nos flancos e na retaguarda. A do Norte, atacada pelas guerrilhas galegas, e a do sul pelas forças portuguesas¹³. As colunas de abastecimento franceses que saíam de Astorga sofrem igualmente violentos ataques. A difícil progressão francesa obrigou Soult a mandar regressar a Tuy parte das suas forças no dia 18, nomeadamente os meios mais pesados, carros e artilharia de grande calibre. Dois dias depois, a 20 de Janeiro, Soult, com menos forças e as unidades ainda dispersas, ocupa Orense.

O Marechal Jourdan no dia 25 escreve uma carta aconselhando Soult a desistir de invadir Portugal, Ney pede para ele esperar, o Estado-Maior de Junot alerta quanto à força das populações portuguesas, mas ignorando os avisos este decide continuar. A 2 de Março, Soult escreve ao General Lamartinière que comandava a guarnição de Tuy a dar instruções sobre a conduta que deve adoptar relativamente a fundos, calçado, uniformes, amotinadores, etc e refere no final que caso haja perturbações na Galiza ele voltaria com todo o Exército para as apaziguar¹⁴.

Continuamente atacado, só teve o dispositivo pronto para retomar a marcha no dia 4 de Março em direcção ao vale do rio Tâmega.

b. A entrada em Portugal:

É sem reforços em armas, munições ou unidades que o Brigadeiro Silveira, governador de armas de Trás-os-Montes, vai tentar retardar o avanço francês.

¹³ Em Calçada, Operações a norte do Douro – 1809, pág. 12 *“Durante o percurso para Orense as forças francesas são constantemente fustigadas pelos irregulares de La Romana e do tenente João de Almeida de Sousa e Sá, de Infantaria 12 (Chaves), entretanto infiltrado na Galiza”.*

¹⁴ Ferreira Lima, Ob. Cit., pág. 6.

A combinação entre Silveira e as forças espanholas do General La Romana é accionada: este coloca-se em território espanhol, a leste do Rio Tâmega ocupando Monterey e na margem esquerda encontram-se as forças de Silveira. As posições foram ocupadas entre 4 e 6 de Março.

“Participando-me o Brigadeiro Silveira que o Marechal Soult havia intimado por um parlamentar o Marquês de La Romana, que se rendeu para poupar a efusão de sangue e havendo sido negativa a resposta, tractam Silveira e o Marquês de La Romana de tomar posições em Monte Reis e em Vilar de Perdizes para atacar os franceses e como é necessário prevenir (...) deverá pôr-se imediatamente em cautelas (...) reunir nas imediações de Chaves algumas Ordenanças escolhidas sem perder de vista a vereda que liga a Refoios no termo de Montalegre, donde há um caminho que conduz a Chaves” (Braga, 5 de Março de 1809)¹⁵.

A 4 de Março o General Bernardim Freire de Andrade comunica ao Governo português que a *“insurreição vai progredindo em todas as terras da Galiza; que ele procura auxiliar os povos que se dispunham a sacudir o pesado jugo dos inimigos”¹⁶*. Com a anuência do Governo de Portugal, o General vai então atribuir a missão ao Coronel Alexandre Alberto de Serpa Pinto e ao Major Sebastião Pinto de Araújo Correia que deveriam coordenar a sua manobra com o General José António Botelho de Sousa e Vasconcelos (ofício de Bernardim Freire de Andrade de 6 de Março ao General Botelho, existente o Arquivo Histórico Militar) e de onde extraímos as passagens mais importantes:

“(...) convém revolucionar os povos da Margem direita do mesmo Rio (Minho), porque achando-se nesta disposição huma grande parte dos da Galiza, he absolutamente percizo que os mais vizinhos não estejam irrezolutos talvez por falta de quem os anime e auxilie. (...) tentar huma surpresa sobre Tuy arrebatara a Artilharia e muniçoens que ali se achão (...) Vai o Coronel ... Serpa Pinto e o Major ... Araujo Corrêa munidos de instrucçoens para o mencionado objecto (...)”¹⁷ “(...) convém facilitar aos Galegos todos os meios e muniçoens de que necessitarem (...)”¹⁸.

A 6 de Março, La Romana decide retirar de Monterey mais para leste e as forças francesas entram nesta cidade, perseguem as forças espanholas e combatem

¹⁵ Documento existente no AHM (AHM – DIV -1-14-006-14) – Correspondência do General Bernardim Freire de Andrade.

¹⁶ Ferreira Lima, pág. 6

¹⁷ Idem, pág. 6 e 7.

¹⁸ Em outro ofício no mesmo dia desta vez dirigido ao Coronel Serpa Pinto – note-se que o Governo apoiou este reforço: *“O Príncipe Regente (...) ordena que se disponhão a serviço dos nossos vezinhos, e amigos, habitantes do Reino da Galiza, bocas de fogo com os seus competentes reparos, palamentas, e muniçoens de guerra constantes da mesma lista (...)”* Idem, pág. 7.

com as mesmas. Silveira manda ocupar as posições sobre a Ponte de Vilaça e ao fim de um dia de duros combates as forças portuguesas sob o comando do tenente-coronel Pizarro (com tropas dos Regimentos 12, Chaves e 24, Bragança, 1 Boca de Fogo de Art 4) foram obrigadas a retirar para Chaves, perdendo apenas a boca-de-fogo que tinham levado. Silveira manda as restantes forças também para Chaves na noite do dia 6 de Março. Os Franceses fazem um alto em Monterey por 3 dias para reunirem as forças. No dia 10 de Março entram finalmente em Portugal.

Como a cidade de Chaves era de defesa difícil, Silveira ordena as suas forças para sul da cidade, nos altos de S. Pedro (São Pedro de Agostem) e, simultaneamente, envia reconhecimentos para acompanhar os movimentos franceses. Infelizmente, sinal da pouca disciplina, parte das forças de Silveira (500 tropas de linha, 1.200 ordenanças e 2.000 milícias) recusam-se a abandonar Chaves na ilusão que a mesma pode ser defendida. Depois de um bombardeamento contínuo durante a noite de 10 para 11 de Março e de uma defesa desesperada dos habitantes de Chaves, as munições esgotam-se, a defesa torna-se impossível e, na manhã do dia 12 de Março, a rendição é inevitável. Soult instala a sua primeira base em Portugal na cidade de Chaves.

A 12 de Março Soult manda as Divisões de La Houssaye e Delaborde efectuar um duplo envolvimento sobre as posições de Silveira mas este, seguindo atentamente todos os movimentos franceses, retira imediatamente para as alturas e Oura e Reigaz junto a Vila Pouca de Aguiar. Soult decide continuar em direcção ao Porto pelo caminho Chaves – Venda Nova – Ruivães – Braga – Porto.

Entretanto as operações a Norte do Minho tinham outra sorte. No dia 9 de Março o Major Araújo Correia encarregou o Tenente João Baptista de Almeida Sousa e Sá (também denominado o *Baptista ou Bautista*) para atacar na Galiza o forte do Gaião. No dia 10 de Março o governador do Forte, D. Juan António de Fuentes, fica prisioneiro do Tenente bem como toda a guarnição¹⁹. O Coronel Serpa Pinto comunicou o acontecimento ao General Bernardim Freire de Andrade em 10 de Março (existente no AHM):

“(...) hoje, pelas oito horas, effectuamos o nosso desembarque na Galiza, com a maior felicidade, e na melhor ordem (...) tomamos conta do forte, cuja artilharia voltamos para a Serra (...) para bater as diferentes estradas (...) Poucas horas depois já se tinha reunido às nossas Tropas hum grande numero de Galegos, e pelo resto da tarde excederão talvez o numero de três mil, que

¹⁹ Segundo o próprio Tenente foi esta a descrição da operação que fez ao Rei de Espanha (em espanhol em Periu, Ob. Cit., pág. 53) “(...) y a las 3 de la misma noche puse mi plane en execucion, cortando el Miño com tres divisiones, en tres diferentes puntos, ganando la misma Plaza por industria y asalto; siendo yo el primeiro que sorprendí la centinela, y la guardia principal, y aun á silvo mio fue atacada á bayoneta por mi division, haciendo prisionero de guerra el Gobernador, Teniente Coronel D. Juan Antonio de Fuentes y toda la guarnicion, y con tambor vatiente enarbolé el Estandarte de V. M., obligando á todos los prisioneros á aclamar em alta voz á V.M. (...)”.

todos abração de bom grado a cauza justa (...) fiz municiar de pólvora e balla todos os galegos que tenham arma (...) O desejo dos Galegos he que marchemos em força sobre Tuy, deixando bem guarnecida a estrada que vem de Vigo (...) combinarmos com o Marechal Botelho hum desembarque ao Nascente de Tuy, ao mesmo tempo que aquella cidade for atacada pelos ouros lados (...) a nossa tropa guardou a melhor disciplina, sem fazer a ninguém a mais pequena violência, e pagando tudo o que comião”.

Bernardim Freire de Andrade responde, a 10 de Março (doc no AHM) ao Coronel Serpa Pinto com mais instruções sobre as operações na Galiza: “o objecto mais importante que nos deve occupar e acender cada ves mais a insurreição dos Galegos, entreceptar se for possível a comunicação de Tuy com o Exército do Inimigo (...) logo que a insurreição se achar estabelecida (...) hé percizo que os nossos voltem pelas razoens que Vossa Senhoria sabe muito bem”.

No dia 12 de Março foi a vez da captura de Bayona: “En el siguiente 12 á la Diana marché á Bayona de cuya Villa y Plaza igualmente me apoderé verificando lo mismo que en la Guardia; y allí concurrieron los pueblos, y formé el ejército patriótico de Bayona (...) y el pueblo me aclamó por su General y Jefe (...) pasé orden á algunos Jefes y emisarios secretos y particulares de las inmediaciones que circundaban a Vigo, para que á la diana del dia siguiente 13 apareciesen cortados y embarazados todos los puntos y puentes, interesantes avenidas y interceptadas las comunicaciones(...) en este mismo dia, gané y entré en la Villa de Porriño (...)”²⁰

No dia 14 de Março dá-se início às operações do cerco de Tuy e o General Botelho ordena o seguinte ao Coronel Serpa Pinto em officio datado do mesmo dia “esta acção foi combinada na presença de Sebastião Pinto que levou ordem para atacar taobem a cidade pelo lado do poente, e levou 100 homens de topa de linha, elle devia participar isto mesmo a V. Sr^a pelo que ambos de accordo fizessem o mesmo ataque, para o qual deve V. Sr^a marchar (com cerca de 500 homens N. do autor) e, no cazo que os Galegos não venhão, avizarei a V. Sr^a para fazer a sua retirada”.

De facto, o número de portugueses crescia na Galiza e a ofensiva continua a bom ritmo. No AHM recolhemos este officio do Coronel de Art^a César de Faria, governador da Praça de Valença para o General do Minho, Pereira Caldas, datada de 15 de Março e que nos faz um bom resumo da actividade e dos efectivos envolvidos na Galiza: “Depois de terem entrado na Galiza as milícias e Ordenanças, tomado o forte de Gaião, a villa de Guardia e de Baiona (formado com os patriotas gallegos um exercito que se diz ser de 9.000 homens, se destinaram a vir tomar Tuy; ao mesmo tempo que do lado de cima vieram outro corpo composto de 400 homens dos regimentos do Porto, e milícias, e mais de 7.000 gallegos (conforme dizem)”²¹. Em Trás-os-Montes, no dia 15 de Março²², as forças de ordenanças e milícias enviadas por

²⁰ Relato de Sousa e Sá, in Periu, pág. 55.

²¹ Ferreira Lima, pág. 13.

²² Este é o dia em que o Marechal Beresford, desde Lisboa, faz a sua primeira proclamação ao Exército Português e no dia 16 publica a sua primeira Ordem do dia – lentamente começava-se

Bernardim Freire de Andrade atacam as vanguardas francesas em Ruivães e na Venda Nova, o grosso das forças francesas são também atacadas pelo Batalhão de Caçadores do Monte às ordens de Silveira. Os caminhos difíceis, o mau tempo e os constantes ataques tornam a progressão francesa muito morosa²³. À medida que se aproximam de Braga os ataques são maiores e mais frequentes.

“A nossa marcha de Chaves a Braga não passou de um combate permanente. Tinha de me haver com uma nação inteira (...) dia e noite a minha guarda avançada era fustigada” (Soult, pág. 44)

A 16 de Março em Salomonde, uma operação retardadora determinada por Bernardim e comandada pelo Tenente Baptista Lopes consegue retardar a progressão por mais um dia e obriga ao empenhamento de dois Regimentos Franceses e numa segunda fase por mais dois Batalhões.

Mais a norte, o Tenente Sousa e Sá (segundo o próprio comandando um exército de 6 a 7.000 homens) com as forças espanholas de D. Pablo Morillo juntamente com alguns navios ingleses vão cercar a cidade de Vigo desde o dia 18 de Março. No dia 20 o tenente propõe ao governador da Praça, Jacques António Chalot, a capitulação mas, depois de atribuladas negociações, este decide-se apenas render aos ingleses no dia 27 de Março de 1809²⁴. Não resistimos a transcrever a tomada de Vigo feita pelo próprio Tenente Sousa e Sá²⁵:

“(...) al mismo tiempo que los dos Portugueses Serpa Pinto batían y asediaban Tuy, yo hacia lo mismo á los acorralados de Vigo, y á los destacamentos dispersos, y extraviados batiéndolos noche y día que todos fueran muertos, heridos y prisioneros, confundiendo á los de Vigo con fantásticas e industriosas evoluciones militares, prendiéndole y castigando sus emisarios secretos de ambos sexos que salían á Santiago y Portugal á pedir socorro.(...) el día 19 mudé mi cuartel general para junto á Vigo en casa del Abad de Santa Cristina de Labradores (...) conociendo la total debilidad en que se hallaban determiné en el día 21 intimarle la rendición (...)llegándome un oficio de la puente de SanPayo, que 750 franceses se hallaban ya en Pontevedra, y venían á socorrer á los capitulados (...) á la diana del día 23 marché con un cuerpo de reserva á las alturas de Redondela (...) obligué á este pueblo á marchar á la referida puente de San Payo (...)realizadas por mi emisarios esta retirada, me restituí

a reorganização operacional do Exército português com o apoio e direcção britânica, mas a norte ainda é Bernardim Freire e Silveira que comandam as operações.

²³ “Os portugueses (...) barricaram as aldeias e as cidades, obstruíram os desfiladeiros e pareciam resolvidos a defender – se até à última extremidade. Por toda a parte se ouviam os sinos e se via acorrer aos caminhos bandos de populares conduzidos por padres elevando o cruxifixo na mão, ou por senhores que brandiam velhas espadas há muito tempo suspensas nas paredes dos seus solares” M.A. Thiers, Histoire du Consulat et de l’Empire, Paris 1879, in Calçada, Ob. Cit., pág. 14.

²⁴ Ver descrição detalhada das negociações em Ferreira Lima, Ob. Cit., págs 14 a 18.

²⁵ Escrito na Isla de Leon a 30 de Outubro de 1810, in Periu, Ob. Cit., págs. 52 a 61.

a Vigo, para decidir la capitulación que había dejado suspensa (...) el día 25 (...) llamé los ingleses comandantes de las dichas fragatas (...) se apostasen en batalla en frente de los enemigos, lo que pronto ejecutaron (...) día 27 por las 8 de la mañana se firmarian por mi y por el Gobernador Francés los referidos artículos de la capitulación (...)

b. A queda de Braga, a reconquista de Chaves e a ocupação do Porto:

Em Braga os ânimos andavam exaltados pelas notícias da queda de Chaves e da apelidada “fuga” de Silveira. Os cidadãos não queriam que o mesmo ocorresse ali. Mas Braga também não era militarmente defensável com as forças e equipamentos ao dispor de Bernardim Freire de Andrade. Este tinha decidido a continuação da sua estratégia de continuar a acção retardadora que assentava nas posições de Ruivães – Salomonde – Carvalho deste - Rio Ave e empenhar-se decisivamente na Defesa do Porto, onde ainda se estava a preparar a defesa.

Mais uma vez, as populações e alguns líderes locais assim não entenderam e revoltados acabaram por matar o General Bernardim Freire de Andrade no dia 17 de Março²⁶. Assumiu o comando das forças, bastante indisciplinadas depois de perdido o seu grande General, o Barão de Eben. Este fez o que pode, garantiu o fabrico de munições para as ordenanças (apenas 3 cargas para cada um!) e mandou ocupar as pontes do Porto, Falperra²⁷ e Carvalho D’Este.

No dia 17, os 4.000 que defendem a Ponte do Porto rendem-se a Soult, a 18 Pedralva é conquistada e Soult tenta derrotar as forças de Eben, mas estes resistem, foi preciso esperar pela artilharia. Nesse mesmo dia Silveira reforça os seus ataques contra os flancos e retaguarda dos franceses. Apenas a 20 foi possível a Soult iniciar o ataque a Braga. Depois de uma feroz resistência, Soult entra finalmente em Braga ao final do dia 20 (tinham morrido 2.000 portugueses e 400 feitos prisioneiros contra os apenas 40 mortos²⁸ e 800 feridos franceses). Soult decide ficar em Braga por seis dias.

Entretanto, fechava-se o cerco às forças francesas: entre os rios Minho e Lima estavam as “poucas” forças do General Botelho, a leste do Rio Tâmega estavam as do Brigadeiro Silveira e no Porto prepara-se a defesa da cidade com muita desordem e anarquia depois da perda do comandante natural que seria Bernardim Freire de Andrade.

Estrategicamente, a reconquista de Chaves pelas forças de Silveira torna-se fundamental. Após duros combates de 20 a 25, os franceses finalmente rendem-se a Silveira no dia 25 de Março. As baixas francesas elevam-se a 20 mortos,

²⁶ Tal como sucedera em Somossiera com o General Espanhol San Juan e depois viria a ocorrer de novo com o Brigadeiro Vallonga e com o General Lima na defesa do Porto.

²⁷ “O inimigo não pôde resistir a tamanho choque, apesar da valentia com que se defendia” Soult, pág. 45.

²⁸ Segunda a versão de Soult seriam apenas 40 os mortos mas tendo em conta os 800 feridos, a proporção natural seria aproximadamente de várias centenas (Azaredo, Ob. Cit., pág. 38) embora Soult nas suas memórias refira o número de 160 para feridos, Soult, pág. 45.

um número indeterminado de feridos, mais de 1300 prisioneiros. São também capturadas 12 peças de artilharia, 1200 espingardas, 90 cavalos, que se revelam extremamente importantes para o retomar da contra-ofensiva portuguesa e para a afirmação de Silveira como líder incontestado na zona.

O dia 25 de Março é também o dia escolhido por Soult para iniciar o seu movimento em direcção ao Porto²⁹. No caminho ainda se defronta com uma feroz resistência no Rio Ave, especialmente nas Pontes do Ave, Barca da Trofa, Santo Tirso e Negrelos. Não é nossa intenção descrever as operações em pormenor, por isso não o faremos para o assalto à capital do norte: a descrição está muito bem feita nas obras já citadas do General Azeredo, Coronel Calçada e nas memórias de Soult. A 28 de Março, o “comandante das forças”³⁰, o Bispo do Porto, abandona a cidade sentenciando assim a capitulação da mesma. A 29 dá-se o ataque final de Soult e o trágico episódio da ponte das barcas. No final do dia o Porto capitula e Soult ordena o saque por 24 horas. Morrem mais de 10.000 portugueses contra as apenas 500 baixas francesas (entre mortos e feridos³¹).

3. O isolamento francês e o contra-ataque:

Chaves e Vigo estão nas mãos de portugueses e espanhóis, Tuy está cercada. A leste do Rio Tâmega Silveira domina a situação. Soult encontra-se isolado do seu comandante, o Rei José, e das forças de apoio, Ney, Lapisse e Victor. Além disso, Soult tem as forças dispersas ao longo dos itinerários de reforço/retirada. Sabia dos desembarques ingleses no sul de Portugal e do levantamento exponencial do restante exército de Portugal com o apoio britânico. Não só se confirmava assim a impossibilidade de continuar para Lisboa como parecia inevitável a retirada para Espanha.

Mas Espanha está longe de se constituir um porto seguro e depois da queda do Porto os portugueses continuam a apoiar a revolta galega.

No mesmo dia da capitulação do Porto, a 29 de Março, o Coronel Pinto Coelho e o governador de Vila Nova de Cerveira, Coelho de Araujo, juntam e enviam munições para as forças do Tenente Sousa e Sá. De Valença recebem ainda o reforço de mais alguns homens e assim continua o esforço militar na Galiza. De novo nas palavras de Sousa e Sá³²:

²⁹ “Tínhamos avançado apenas algumas léguas e já tínhamos que nos preparar para novos combates”, Soult, pág. 46.

³⁰ “(...) estava reduzida a cerca de 6.300 homens das tropas de linha, 3.000 das milícias e 10.000 ordenanças, mal armados e equipados (só cerca de metade dos efectivos dispunha de armas de fogo” in Calçada, pág. 16.

³¹ 80 mortos e 350 feridos nas memórias de Soult, pág. 51.

³² Escrito na Isla de Leon a 30 de Outubro de 1810, in Periu, Ob. Cit., págs. 52 a 61.

“(…) me presenta un emisario con un oficio del Abad de Sela anunciándome que 450 franceses de los de Tuy (...) y los perseguí hasta la puente nueva á la entrada de Tuy, en donde entraron sanos 38 resto de 450 que ya se hallaban á las puertas de Vigo (...) el día 9 (de Abril) ínterin me llegaban municiones y refuerzos que aguardaba de Portugal (...) y le remití la compañía de Cazadores Portugueses de Vila Nova de Cerveira (...) hasta que yo llegué con 180 milicianos (unos y otros portugueses, y á 40 cartuchos) y los derroté completamente haciéndole 57 muertos 18 heridos y algunos prisioneros (...) en 28 de aquel referido mes de Abril pasé a Portugal”

Soult, para garantir a sua segurança, manda passar parte das suas forças para sul do Douro e outro tanto para socorrer Tuy. As forças designadas para sul, comandadas pelo General Franceschi, depois de chegarem a Vila da Feira vão deter-se perante as tropas portuguesas comandadas pelo britânico Trant. Para norte avança a Divisão do General Lorges que é retardada no Rio Ave pelas forças do General Botelho levando a que este apenas entrasse em Vila do Conde no dia 3 de Abril. Soult manda reforçar no dia 4 as forças de Lorges com forças de Graindorges. As forças francesas reforçadas são de novo detidas no dia 7 em Ponte de Lima pelo mesmo General Botelho.

Só no dia 8 conseguem ocupar a povoação defendida pelas ordenanças e milícias e a 9 retomam a direcção de Valença onde só chegam a 10. De 10 a 13 as restantes praças do Minho são entregues sem resistência. Entretanto Botelho ocupa Braga no dia 10 e acossado pelas forças francesas retira para Guimarães³³. Com todas as forças francesas praticamente empenhadas o General Heudelet consegue libertar Tuy do cerco luso-espanhol, mas ainda faltava derrotar os portugueses de Silveira que detinham as posições do Tâmega e defendiam a ponte de Amarante.

O primeiro avanço francês em direcção a leste sofre então o primeiro revés, depois de ocupar Penafiel, é detido pelas ordenanças e milícias de Serpa Pinto e do Tenente Coronel Montenegro na Ponte de Canavezes que causaram aos franceses cerca de 100 baixas. O comandante francês, Caulaincourt, retira para Penafiel acossado pelas forças portuguesas e sentindo-se cercado pede reforços a Soult. A 7 de Abril parte para Penafiel a Brigada Foy com duas bocas-de-fogo e para comandar as duas forças é designado o General Loison.

Entretanto Silveira, ajudado pelas notícias dos sucessos, reforça as suas forças. A 9 de Abril um reconhecimento em força de Loison é detido em Pidre. Silveira, audaz, decide passar as forças para oeste do rio Tâmega e entra em Penafiel no dia 13 de Abril forçando Loison a retirar-se para Baltar. Soult responde enviando mais reforços para Loison, a brigada Arnault com 10 bocas-de-fogo e manda La Houssaye marchar em direcção a Amarante, Delaborde assume o

³³ note-se que Guimarães já tinha sido tomada também a 23 de Março por forças enviadas por Silveira – sob o comando do Brigadeiro Monteiro Guedes – que depois de duros combates vieram reforçar a defesa de Amarante.

comando desta força alargada³⁴. 5 Brigadas, cerca de 9.000 homens, quase metade (40%) das forças de Soult contra as forças de Silveira!

Este empenhamento francês contra a defesa estóica de Silveira permite ganhar um tempo precioso para Wellington e Beresford prepararem o contra-ataque.

A 15 de Abril Delaborde retoma Penafiel e a 18 ataca as posições de Vila Meã. Silveira retira sobre Amarante e o combate segue rua a rua por mais de 4 horas com grandes empenhamentos de parte a parte conseguindo o êxito da acção retardadora até à Ponte de Amarante.

Na Ponte, Silveira vai deter as forças Francesas desde o dia 18 de Abril até ao dia 2 de Maio (mais uma vez se recorda que esta extraordinária operação defensiva está muito bem descrita nas obras referenciadas do General Azeredo e Coronel Caçada). Tempo precioso para os aliados mas, por seu lado, Soult desespera com o tempo perdido e reforça como pode as forças de Delaborde – era vital estabelecer a ligação às forças do General Lapisse. Os portugueses de Silveira sofreram 211 mortos e 114 feridos durante os longos 14 dias de defesa da Ponte de Amarante, não estão contabilizadas as baixas francesas.

Para Soult é necessário abrir caminho para a fronteira e manda Loison destruir as forças de Silveira, garantir a segurança de toda a área a norte do Douro até à zona da Régua e tentar estabelecer ligação com possíveis reforços franceses por Bragança. Para os portugueses, sabendo dos reforços britânicos a caminho, tinha chegado o momento de lançar uma contra-ofensiva. O “novo” exército português está em movimento para norte mas Beresford ainda se encontra em Viseu.

No dia 3 de Maio, Silveira passa para a margem esquerda do Douro, no dia 4, sabendo que as forças francesas atingiram Mesão Frio, prepara a defesa das passagens do Rio Douro e dá ordens para reagrupar as forças na Régua. Sabendo que Vila Real se encontra desguarnecida, deixa o General Bacelar a ocupar a Régua e dirige-se, no dia 6 de Maio, com 1200 homens para Vila Real.

Loison entretanto apenas envia reconhecimentos com poucas forças e praticamente não revela grande actividade operacional nos 5 dias seguintes. Só a 8 de Maio decide sair em força (6.000 homens) sobre a Régua. No dia 10 é detido na Barca do Carvalho por forças de Silveira³⁵. Loison decide então desviar a progressão para Norte e descobre que Silveira iniciara uma manobra para o isolar de Soult cortando-lhes as comunicações em Amarante e sabe que Beresford continua o seu deslocamento em direcção ao Douro. Definitivamente Loison desiste de atacar a Régua ou de prosseguir em direcção a leste e retira rapidamente sobre Amarante. Esta retirada foi acompanhada por ferozes ataques das populações sobre homens e bagagens que assim se vingavam das pilhagens,

³⁴ “o general Loison num acesso de mau humor, pediu para regressar ao Porto, mas insistiu para que conservasse a sua divisão” Soult, pág. 57.

³⁵ “encaminhou-se para Peso da Régua que atacou sem sucesso. O número de inimigos aumentava constantemente (...) a nossa perda consistiu em 80 homens fora de combate” Soult, pág. 58.

violações e incêndios sofridas em Mesão Frio.

No dia 11 de Maio Loison sofre sucessivas emboscadas pelas milícias e ordenanças de Silveira na Portela dos Padrões. No dia 12 de Maio Silveira ainda espera que Beresford ou Bacelar cheguem com as suas forças para organizar um ataque combinado, mas efectivamente tal não aconteceu e assim, na tarde desse dia Silveira decide atacar Loison. Os combates duram até à noite e Loison decide retirar. Mais uma vez, tal como ocorrera na célebre Batalha dos Padrões de Teixeira, em Junho de 1808, era o mesmo Silveira que obriga o mesmo Loison a retirar.

Mas Silveira não desiste e, recebendo a notícia que Loison abandonara Amarante, deixando de novo o controlo da passagem do Tâmega nas mãos dos portugueses, na manhã do dia 13 inicia de imediato a sua perseguição. Com a perseguição de Silveira às forças mais avançadas de Soult e com as passagens do Tâmega controladas pelos portugueses restam poucas opções a Soult para retirar para a Galiza.

4. A retirada Francesa de Portugal:

Recuemos cerca de 3 semanas.

A 22 de Abril, o contingente inglês reforçara-se em Lisboa com a chegada de Wellesley com mais 20.000 homens. Assim, os britânicos aumentaram para 30.000 os seus efectivos em Portugal. Reforçara-se em força e também em vontade de combater pois, ao contrário de Cradock, que ignorara todos os pedidos de apoio dos Generais portugueses para reforçar as forças do Norte, Wellesley vem decidido a combater. Recebe o comando do General Cradock a 27 de Abril que por sua vez embarca com destino a Gibraltar.

Por outro lado, desde que Beresford tomara o comando do Exército Português, ele e o Ministro Português Miguel Pereira Forjaz, tinham iniciado um esforço enorme para reorganizar e reequipar o inexistente Exército de Portugal e, finalmente, a 3 de Maio, um dia após a queda da Ponte de Amarante, Beresford muda de Tomar para Coimbra o seu QG.

No dia 4 de Maio a regência Portuguesa nomeia Sir Arthur Wellesley Marechal General do Exército Português e este assume o comando conjunto das forças aliadas. Beresford sai de Coimbra a 6 e chega a Lamego no dia 8 de Maio onde permanece até ao dia 12 de Maio. Ao mesmo tempo Wellesley vai com as suas forças junto à costa e passa o Douro, com o apoio das forças do Prior de Amarante, junto à Serra do Pilar nesse mesmo dia 12 de Maio.

Na Galiza e no norte de Portugal o Tenente Sousa e Sá juntara cerca de 4.000 homens dispersos. Já em território português³⁶ o Tenente fica sob o comando do

³⁶ Segundo o mesmo (Periu, pág. 60) "*en la noche del 3 de Mayo (...) recibo de oficio la noticia de la perdida*

Capitão de milícias de Ancora, António José Viana (que também tinha estado no cerco de Tuy – Ferreira Lima, Ob Cit, pág 17) que recebe ordens de Beresford para atacar os franceses na sua área de acção. As forças assim reunidas dividem-se em duas *divisões*, ficando a primeira sob o comando do próprio Viana e a segunda sob o Tenente Almeida e Sá. A 17 de Maio, Viana ataca os franceses em Braga e Sousa e Sá passa a Ponte do Porto para se reunir às avançadas de Wellesley, e dali ainda enviado para Orense.

Soult, que já decidira iniciar a retirada para a Galiza no dia 11, pressionado agora pelas forças que se deslocam de sul decide acelerar o passo³⁷. Beresford chega a Amarante no dia 13 de Maio e assume aí o comando de todas as forças portuguesas, incluindo as de Silveira. O Exército Português fica, desde essa data, reorganizado da seguinte forma³⁸:

- Brigada de Manuel Pinto Bacelar: 1 Batalhão RI 9 (Viana) e 2 Batalhões do RI 11 (Penamacor);
- Brigada de Francisco da Silveira: 4 Batalhões dos RI 12 (Chaves) e RI 24 (Bragança), Reg de Milícias de Bragança e Moncorvo;
- Brigada de José Lopes de Sousa: 4 Batalhões dos RI 2 (Lagos) e RI 14 (Tavira)
- Brigada Mouzinho: Reg Milícias de Miranda, Vila Real e Chaves
- Brigada Ligeira de Sir Robert Wilson: Batalhões de Caçadores 3,4 e 6, 2 companhias do Reg Inf Ligeira 60 (Inglês – Rifles)
- Brigada de Reserva de Tilson: constituída por tropas inglesas do 15º Foot

Soult demora a saída do Porto e só abandona a cidade no dia 13 de Maio em direcção a Penafiel e Amarante. Deixa ficar no Porto muitas das baixas causadas pelas acções das forças portuguesas, cerca de 1200 doentes e feridos e muito material e equipamento (deixara igualmente outros 800 feridos nos hospitais em Viana e Braga). Na madrugada do dia 13 de Maio, em Baltar, Soult recebe a notícia das acções de Silveira sobre Loison e descobre que já não pode seguir por Amarante e que a leste do Tâmega as povoações estavam controladas pelo General Português.

Soult está encurrulado: tem na retaguarda os 22.000 de Wellesley e, a leste do Tâmega, tem agora os 11.000 de Beresford. Manda, então, aliviar a carga ao máximo, destruir as bocas-de-fogo e distribuir parte do saque feito a Portugal (50.000 libras do Reino, as peças roubadas foram semi destruídas em conjunto

de la puente de Amarante (...) juzgué mas que nunca necesario formar mi ejercito (...) los fieles vasallo de mi Soberano corrieron á mi para en orden salvarnos la Provincia, y asegurar la Galicia (...) dentro de catorce dias organizé (...) un ejercito de 6000 infantes 40 caballos 9 piezas de artillería (...) establecí mi línea de defensa en Puente de Lima, S. Salvador y Puente de Fiffe (Viana para Camina) Quartel General en Puente da Barca (...) en el día 15 con mi primero ataque sobre Braga (...) recibí un oficio del General Wellesley para cubrir el flanco izquierdo (...) los seguí hasta Allaris y Orense" (...) obligándome á retroceder.

³⁷ Agravando a situação há uma tentativa de conspiração por parte de um? dos seus oficiais que entrara em negociações com os ingleses – Soult, pág. 63 e seguintes.

³⁸ Azeredo, Ob. Cit., pág. 88.

com a artilharia). Soult junta as suas forças às de Loison em Guimarães no dia 14 de Maio, restando-lhe agora pouco mais de 18.000 homens e a pequena guarnição de Tuy. Com Loison à frente das forças marcha para Norte, permanentemente atacado pelas forças de milícias e ordenanças.

No Porto tinha ficado o Coronel Trant como governador da cidade para evitar retaliações e pilhagens, e Wellesley mandou o General Murray em perseguição de Soult. No outro eixo, Beresford depois de estar parado até 15 de Maio em Amarante marcha para Chaves onde chega no dia 17 de Maio. Soult decide-se então pelo difícil caminho de Salomonde em vez dos esperados itinerários Braga-Tuy ou Braga-Chaves. Conseguiu a surpresa e no final do dia 15 de Maio já se encontra na região de São João de Rei, junto ao rio Cavado³⁹.

Contra o tempo inclemente, contra os caminhos terríveis e com uma força carregando apenas o essencial, Soult ganha avanço aos perseguidores. Depois de uma tentativa de defesa sobre a Ponte do Saltadouro por Ordenanças Soult é de novo demorado na tentativa de passar a ponte de Misarela por mais 400 ordenanças sob o comando do Sargento-Mor Magalhães e Menezes. Os habitantes não deixam cortar a ponte e, por isso, apenas se colocam obstáculos sobre a mesma, dispondo-se os homens na encosta vizinha. Todo o dia 16 foi ocupado na conquista francesa da ponte. Muitas dezenas de mortos depois, lá conseguem conquistar a posição no final da tarde. Muitos mais morreram na passagem da velha e estreita ponte pela pressão dos ataques na retaguarda da coluna.

Na manhã de 17, Wellesley apenas manda continuar a perseguição ao 14º de dragões britânicos e às eficazes forças de Silveira. Na manhã do dia 18 de Maio dos 23.000 franceses do início da campanha apenas atingem Montalegre 15.213 homens e 2000 cavalos (eram 4700 no início). Chegam finalmente exaustos e famintos a Orense no dia 19 e juntam-se às restantes forças de Tuy, cerca de 3.500 do General Lamartinière. Silveira, já na Galiza, recebe ordens de Wellesley para regressar a Portugal.

5. Mais uma tentativa falhada de conquistar Portugal:

Soult perde 27% dos seus efectivos na malograda expedição: 5.700 homens dos quais 2.000 na retirada para a Galiza. Portugal resistiu como pôde e perde dezenas de milhares na luta contra o invasor. Tal como na campanha de 1808, foi de novo fundamental o desembarque britânico no final da resistência e o apoio na reconstituição do Exército Português.

³⁹ Soult justifica assim a sua opção “*eu não podia, também, retomar a direcção de Chaves, o caminho pelo qual tínhamos vindo aquando da minha entrada em Portugal. Na sequência do abandono de Amarante, Silveira pôde marchar para norte tão rapidamente como os ingleses. Ele tinha ultrapassado Chaves e cortado a ponte de Ruivães, sobre a qual passa a estrada de Braga. O general português, instalado à retaguarda dessa ponte, ocupava uma posição impossível de forçar*” in Azeredo, pág. 95 e Soult, pág. 71.

“Portugal pegava em armas pela sua independência. Este sentimento era geral, e não era à força que lhe conseguia levar a melhor. Teria sido mais fácil exterminar a nação do que fazê-la ceder” Soult, pág. 59

Do nosso bravo Tenente Sousa e Sá choveram críticas, acusações, elogios e agradecimentos. Por isso foi formalmente acusado, preso, ilibado e distinguido pelos seus feitos. Beresford promoveu-o a Capitão por distinção⁴⁰. O Consejo de Regencia de España é Indias *“he tenido á bien conceder á los individuos (...) puedan usar un escudo de honor, cuyo centro han de ocupar las armas de Vigo y Tuy y en su contorno la inscripción: En la unión consiste la fuerza (...) Al mérito contraído ante Vigo y Tuy, la Patria agradecida (...)”*⁴¹. Mais tarde o governó espanhol concederia a valiosa orden de Carlos III⁴².

*“Baptista es una gruesa columna de nuestra Santa Religion, activo defensor de nuestras leys; es un fiel vasallo que nos roba toda ternura, por deber y por gratitud”*⁴³.

No final da campanha trocaram-se acusações “patéticas” sobre quem tinha deixado fugir os franceses mas, de facto, foram milhares os que tentaram defender palmo a palmo, e com quase nada, o sagrado chão de Portugal. Valeu a pena e, imediatamente após a retirada de Soult, continuou-se a aprontar, melhorar e equipar os vários exércitos que iriam derrotar Napoleão na Península Ibérica.

*“Compañeros míos imitemos á Baptista seremos felices”*⁴⁴

Bibliografia

- AAVV, **GENEALOGIA DOS CORPOS DO EXÉRCITO**, LISBOA, Direcção do Serviço Histórico-Militar, 1991
- AAVV, **GUERRA PENINSULAR – Novas Interpretações**, Lisboa, Tribuna, 2005
- AAVV, **LA GUERRA DE LA INDEPENDENCIA [1808-1814] el pueblo español, su ejército y sus aliados frente a la ocupación napoleónica**, Madrid, Editorial Ministerio de Defensa - Centro de Publicaciones, 2007
- AAVV, **RESPUESTAS ANTE UNA INVASIÓN**, Instituto de Historia y Cultura Militar, Madrid, 2006
- AZEREDO, Carlos de, **INVASÃO DO NORTE 1809 – A Campanha do General Silveira contra o Marechal Soult**, Lisboa, Tribuna, 2004

⁴⁰ Ordem do dia de 20 de Janeiro de 1810, in Ferreira Lima, Ob Cit, pág. 23

⁴¹ Isla de León, 16 de Abril de 1810, in Ferreira Lima, pág 23

⁴² Idem, pág 25

⁴³ Periu, Ob Cit, pág 49

⁴⁴ Idem, pág. 51

- BARATA, Themudo e TEIXEIRA, Nuno Severiano, **NOVA HISTÓRIA MILITAR DE PORTUGAL**, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003.
- BOTELHO, J.J. Teixeira, **HISTÓRIA POPULAR DA GUERRA DA PENÍNSULA**, PORTO, Livraria Chardron, 1915.
- BORREGO, Nuno Gonçalo P., **AS ORDENANÇAS E AS MILÍCIAS EM PORTUGAL**, VOL I, Lisboa, Guarda-Mor, 2006.
- CALÇADA, Ten-Cor J. C. F. Antunes, **A 2ª INVASÃO FRANCESA: OPERAÇÕES A NORTE DO DOURO EM 1809**, Lisboa IAEM, apresentação na Universidade de Trás – os – Montes e Alto Douro, Março de 1998.
- CHARTRAND, René e YOUNGHUSBAND, Bill, **THE PORTUGUESE ARMY OF THE NAPOLEONIC WARS (1, 2 e 3)**, Osprey Military, MEN-AT-ARMS, Oxford, Reino Unido, 2000.
- CHARTRAND, René, **VIMEIRO 1808, WELLESLEY FIRST VICTORY IN THE PENINSULAR**, Osprey Military, Campaign, Oxford, Reino Unido, 2001.
- FERREIRA, Arnaldo M. de Medeiros, **HISTÓRIA MILITAR – III e IV Volume**, LISBOA, Serviços Gráficos da Academia Militar.
- GIL, Coronel Ferreira, **A INFANTARIA PORTUGUESA NA GUERRA PENINSULAR**, Lisboa, 2 volumes, pág. 444 a 453.
- HENRIQUES, Cor, **APONTAMENTOS DE HISTÓRIA MILITAR**, ME 73-00-00 vol I, IAEM LISBOA, 1989.
- HENRIQUES, Mendo Castro, **SALAMANCA 1812, Companheiros de Honra**, Lisboa, Prefácio, BATALHAS DE PORTUGAL, 2002.
- LIMA, Henrique de Campos Ferreira, **O TENENTE PORTUGUÊS JOÃO DE ALMEIDA SOUSA E SÁ – herói da reconquista de Vigo em 1809**, Lisboa, Boletim nº 37 do Arquivo Histórico Militar, 1937.
- LÓPEZ, Cor Juan Priego, **GUERRA DE LA INDEPENDENCIA**, *volumen 6 y 7* MADRID, Libreria Editorial San Martin, 1981.
- MACHADO, Alberto de Sousa, **O CORONEL GONÇALO COELHO DE ARAÚJO GOVERNADOR DE VILA NOVA DE CERVEIRA E A 2ª INVASÃO FRANCESA**, Braga, 1953.
- MARTINS, Ferreira, **HISTÓRIA DO EXÉRCITO PORTUGUÊS**, LISBOA, Editorial Inquérito Limitada, 1945.
- MOORE, James, **NARRATIVE OF THE CAMPAIGN OF THE BRITISH ARMY IN SPAIN**, London, Johnson, 1809.
- OMAN, Sir Charles, **A HISTORY OF THE PENINSULAR WAR**, 7 volumes, London, Greenhill Books, 1996.
- PERIU, Francisco de Paula, **RESTAURACION DE LA PROVINCIA DE TUY, E REINO DA GALICIA**, Lisboa, Boletim nº 37 do Arquivo Histórico Militar, 1937.
- QUINTELA, Santos, **A GUERRA PENINSULAR E AS VICTORIAS DO EXÉRCITO ANGLO-LUSO-ESPANHOL**, Porto, Escritório de Publicações Ferreira dos SANTOS, 1908.



PEREIRA, José Rodrigues, **CAMPANHAS NAVAIS**, VOL I & II, Lisboa, Tribuna, 2005.

SELVAGEM, Carlos, **PORTUGAL MILITAR**, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1931.

SOULT, Nicolas Jean-de-dieu, **MEMÓRIAS DO MARECHAL SOULT**, Lisboa, Livros horizonte, 2009.

VALENTE, Vasco Pulido, **IR PRÓ MANETA**, Altheia Editores, Lisboa, 2007.

VICENTE, António Pedro, **O TEMPO DE NAPOLEÃO EM PORTUGAL – Estudos Históricos**, Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar, 2000.



